

O AVANÇO DO PROCESSO DE IMPEACHMENT NO SENADO VEM ALIMENTANDO A APOSTA DE MAIOR CONCENTRAÇÃO DO GOVERNO INTERINO NA NEGOCIAÇÃO DE PARTE DA AGENDA FISCAL, QUE AINDA ENFRENTA RESISTÊNCIAS NO CONGRESSO E JUNTO A ESTADOS. NESSE SENTIDO, OS AGENTES SEGUEM TRABALHANDO COM CENÁRIOS DISTINTOS, QUE PODEM AFETAR AS EXPECTATIVAS FAVORÁVEIS DO MERCADO, CONFORME O ALCANCE ESPERADO DOS AJUSTES.

NESTE AMBIENTE, A FORTE LIQUIDEZ INTERNACIONAL SEGUE CONTRIBUINDO PARA A VALORIZAÇÃO DO REAL, MAS PREOCUPA A RESILIÊNCIA DA INFLAÇÃO, COMO MOSTRA A ALTA ALÉM DA ESPERADA DO IPCA DE JULHO (0,52%).

NO SEGMENTO DE RENDA FIXA, AS CARTEIRAS DE MAIOR DURATION VOLTARAM A REGISTRAR AS MELHORES PERFORMANCES, O QUE, SOMADO À ALTA DO IBOVESPA, POTENCIALIZOU OS GANHOS NA INDÚSTRIA DE FUNDOS. NO MERCADO DE CAPITAIS, O MÊS FOI O SEGUNDO MELHOR NO ANO, COM CAPTAÇÕES DE R\$ 7,6 BILHÕES.

RENDA FIXA

Riscos inflacionários permanecem no curto prazo »

A recorrência de resultados negativos da inflação poderá provocar ajustes nas expectativas dos agentes, e consequentemente, nos preços dos ativos, elevando a volatilidade do segmento nos próximos meses.

MERCADO DE CAPITAIS

Ofertas de cias brasileiras sinalizam retomada em julho »

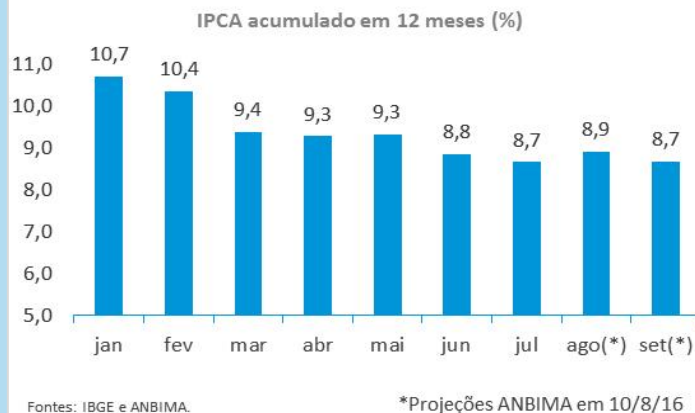
As emissões de títulos locais de renda fixa, de R\$ 7,6 bilhões em julho, e as ofertas internacionais de US\$ 6,4 bilhões entre julho e início de agosto sinalizam uma recuperação das captações de empresas brasileiras.

FUNDOS DE INVESTIMENTO

Fundos de Ações lideram rentabilidades »

A valorização de 11,22% do Ibovespa em julho voltou a impulsionar as rentabilidades dos fundos de ações, que seguem apresentando recuperação no ano, o que ainda não se refletiu na captação líquida desses fundos.

IPCA projetado indica alta da inflação em agosto



Riscos inflacionários permanecem no curto prazo

• Marcelo Cidade

► Resultado do IPCA de julho registra elevação de 0,52%, patamar acima do previsto pelo mercado

► Comitê Macro da ANBIMA projeta IPCA de 8,9% e 8,7% para agosto e setembro, respectivamente

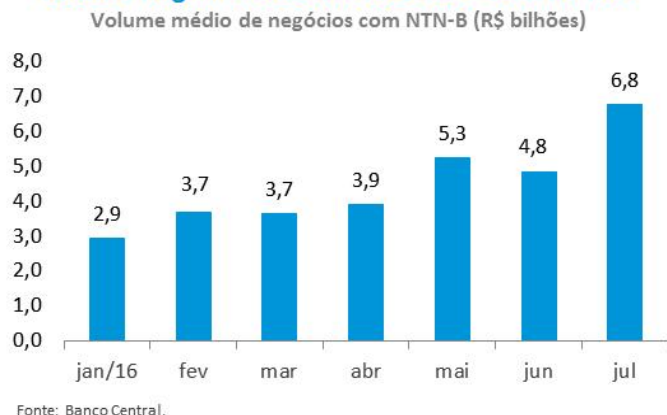
► Prefixados e Indexados de maior duration registram variações de 1,47% e 3,44% em julho

sobretudo em função do comportamento dos preços dos alimentos. O resultado do IPCA de julho, de 0,52%, ficou acima da projeção do Comitê de Acompanhamento Macroeconômico da ANBIMA, de 0,41%. As previsões do Comitê para agosto e setembro indicam um IPCA acumulado em 12 meses de 8,9% e 8,7%, respectivamente.

O relatório Focus do Banco Central do dia 12/8 refletiu o resultado de julho. As projeções de inflação para 2016 foram ajustadas de 7,20% para 7,31%, enquanto a revisão do Top 5 do Focus passou de 7,32% para 7,34%. Vale notar que a confirmação dessas estimativas anuais - consideradas as previsões do Comitê Macro até setembro -, implicaria uma inflação média mensal de 0,50% no último trimestre.

A performance do IMA e seus subíndices em julho confirmou a trajetória de valorização dos ativos. A carteira dos títulos públicos marcada a mercado, expressa na trajetória do IMA Geral, registrou retorno de 1,44%, acumulando uma variação de 14,74% no ano. Entre os sub-índices, os maiores retornos foram nas carteiras de maior duration. O IRF-M 1+ (prefixados acima de um ano) e o IMA-B5+

Volume negociado de NTN-B cresce 40 % no mês



No mercado de renda fixa, a expectativa de queda da inflação com a consequente redução da taxa de juros vem sustentando o ciclo de valorização dos ativos domésticos, gerando prêmios atrativos nas taxas de negócios com os títulos em mercado. Entretanto, ao longo do rally dos ativos que vem marcando o segmento, as surpresas negativas com a inflação vêm desafiando as previsões do mercado,

Taxa da NTN-B ago/55 situa-se abaixo de 6%

Taxas de negociação de NTN-B ago/2055 (% a.a.)



Fonte: ANBIMA.

(NTN-Bs acima de cinco anos), registraram, respectivamente, variações mensais de 1,47% e 3,34%.

A evolução da taxa indicativa de negócios da NTN-B ago/2055, que expressa a taxa de juro real de longo prazo que serve de referência para o mercado, alcançou 5,62% em 11/8, o nível mais baixo do ano (ou o maior preço registrado dessa maturidade registrado em 2016). Esse patamar havia sido registrado pela última vez em agosto/13, quando a meta da Taxa Selic era de 8,5% ao ano e a expectativa do IPCA em 12 meses era de 5,96%.

No mercado secundário de títulos públicos, o volume médio negociado de NTN-B em julho foi de R\$ 6,8 bilhões, o que correspondeu a uma elevação de 40% em relação ao registrado no mês anterior. Esse aumento decorreu da atratividade dos ativos juntos aos investidores conjugado com a elevação do número de negócios que ocorre às vésperas de resgates de títulos – em 15 de agosto foram resgatados R\$ 95 bilhões desse título. Mesmo com esse incremento, a liquidez se mantém concentrada em poucas maturidades. Os três papéis de maior liquidez em julho representaram 53,0% do giro total dos títulos indexados.

► NTN-B ago/55 alcança taxa média de negócios de 5,62%

► Volume negociado de NTN-B cresce 40% em julho

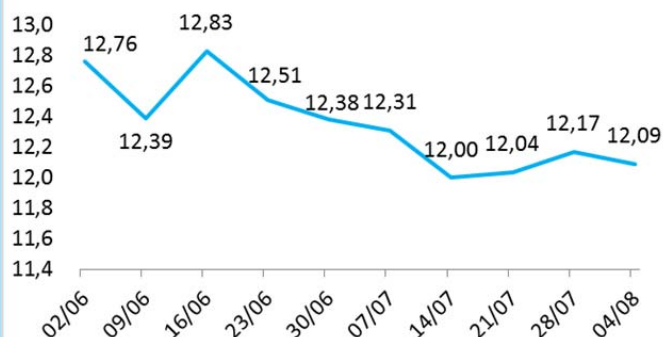
► Taxas de colocação da LTN jul/20 mostram elevação em julho

A possibilidade de que ocorram ajustes nos preços dos ativos como reflexo de uma piora das expectativas inflacionárias e/ou de uma eventual mudança nas estimativas de juros, já aparece em certa medida em alguns indicadores de mercado. Em julho, não se observou a trajetória de queda nas taxas de colocação dos leilões primários que vinham ocorrendo em todos os vencimentos prefixados e indexados. Nas ofertas da LTN jul/2020, vencimento mais longo desse título, as taxas médias de colocação chegaram a alcançar 12,17%, após a redução de 12,83% para 12,0% entre junho e o início de julho.

Em junho, a entrada líquida US\$ 1,07 bilhão proveniente da aplicação dos investidores não residentes no mercado doméstico, é o primeiro resultado mensal

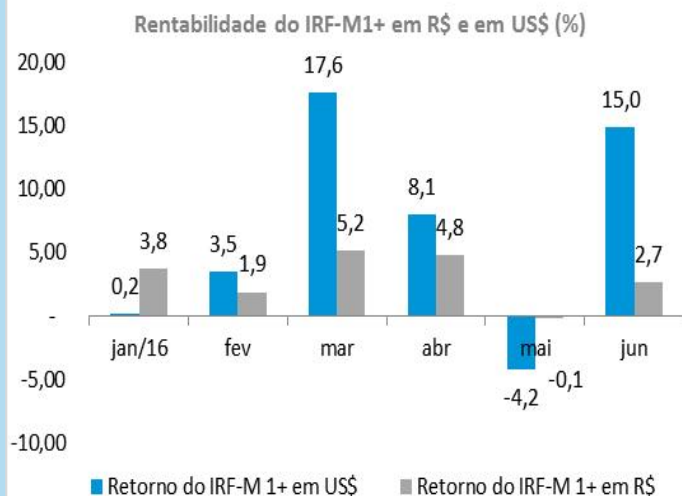
LTN jul/20 registra volatilidade em julho

Leilões de LTN - vencimento jul/2020 (%)



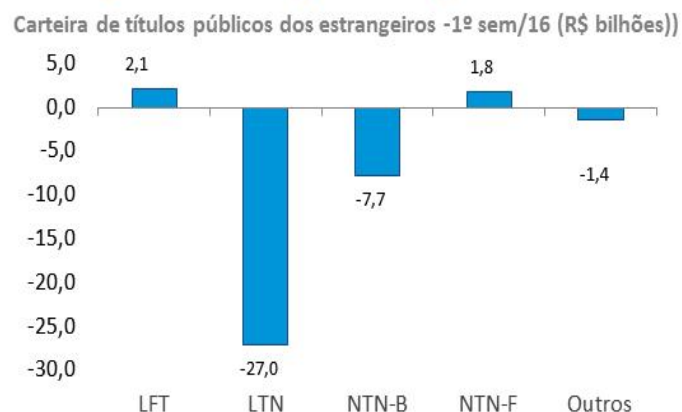
Fonte: Tesouro Nacional.

Real apreciado eleva retorno do IRF-M 1+ em dólar



Fonte: ANBIMA

Estrangeiros reduzem parcela de pré e IPCA em 2016



Fonte: Banco Central.

positivo no ano e alimenta esperanças de que esses agentes voltem a recompor a parcela detida da dívida pública mobiliária.

Durante o ciclo de valorização dos ativos observado neste ano, os investidores estrangeiros reduziram sua participação na dívida pública de 18,8% em dezembro/15 para 16,4% em junho, para o que certamente contribuiu a piora do ambiente político e econômico.

Ao mesmo tempo, a apreciação do Real em relação ao dólar norte americano, desde fevereiro, potencializou os retornos em dólar das aplicações em títulos nos mercados domésticos, o que pode ter estimulado a realização de ganhos. O IRF-M1+, que expressa a carteira dos títulos prefixados acima de um ano, e que em alguma medida reflete o perfil médio da carteira desses investidores, apresentou variação acumulada em dólar de 45,5% contra a valorização de 19,6% em Reais.

Em 2016, a redução da exposição dos não residentes à dívida pública correspondeu à uma parcela de R\$ 32,2 bilhões, dos quais R\$ 27 bilhões foram de LTNs e R\$ 7,7 bilhões de NTN-Bs, títulos que apresentaram valorização expressiva no ano.

► Não residentes registram primeiro saldo mensal líquido positivo do ano

► Participação de estrangeiros na DPMFi cai de 19% para 16% em 2016

► Não residentes reduzem em R\$ 27 bilhões a parcela de LTN na carteira

No longo prazo, as expectativas favoráveis do mercado parecem estar condicionadas à melhora do ambiente político que propicie a aprovação no Congresso das reformas consideradas essenciais para o equacionamento do quadro econômico, como a fiscal e a da previdência. Não obstante, a recorrência de resultados negativos da inflação corrente poderá provocar ajustes nas expectativas dos agentes, e consequentemente, nos preços dos ativos, elevando a volatilidade do segmento nos próximos meses.

Ofertas de cias brasileiras sinalizam retomada

• Vivian Corradin

► Volume de operações com títulos de dívida em julho é o segundo maior valor mensal de 2016

► Captações com debêntures, FIDCs e CRIs em julho superam as registradas no mesmo mês de 2015

► Apesar da recuperação, ofertas em 2016 ainda apresentam queda de 20,5% em relação ao ano anterior

Em julho, as captações com valores mobiliários domésticos pelas empresas brasileiras alcançaram R\$ 7,6 bilhões. O volume – que pode ser revisado para cima, em função de títulos ainda em processo de distribuição – é o segundo maior valor mensal de 2016, atrás apenas do montante captado em maio, que foi de R\$ 8,4 bilhões, influenciado pelas operações com CRIs naquele mês, que movimentaram R\$ 4,5 bilhões.

Em julho, não foram realizadas ofertas com ações e com debêntures de *leasing*, mas os demais valores mobiliários, à exceção das notas promissórias, apresentaram

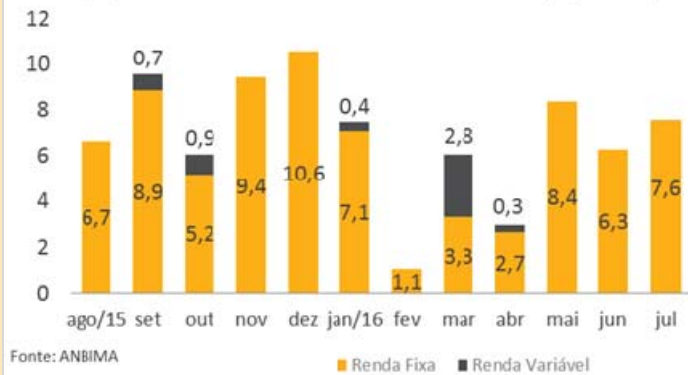
resultados superiores aos observados no mesmo mês de 2015, movimento que pode sinalizar um reaquecimento das captações por parte das companhias.

Os ativos mais utilizados no mês foram as debêntures, que responderam por 83,6% das ofertas domésticas e movimentaram R\$ 6,3 bilhões. Ao todo, foram encerradas as distribuições de oito ativos, todas realizadas com esforços restritos, com destaque para a operação da OSP Investimentos, que movimentou R\$ 3,4 bilhões.

Além das debêntures, em julho, foram captados R\$ 508 milhões em FIDCs, R\$ 433 milhões em CRIs e R\$ 300 milhões em notas promissórias. Com este resultado, o volume de operações domésticas em 2016 chega a R\$ 59,9 bilhões, incluindo as ofertas de debêntures de *leasing*. Apesar dos sinais de recuperação, o volume das ofertas no ano segue inferior ao observado em 2015. No período de janeiro a junho de 2016, por exemplo, as captações registravam queda de 30% em comparação às realizadas no mesmo período de 2015. Com a inclusão das operações de julho, o percentual da queda passou a ser de 20,5% na base de comparação de janeiro a julho entre os dois anos.

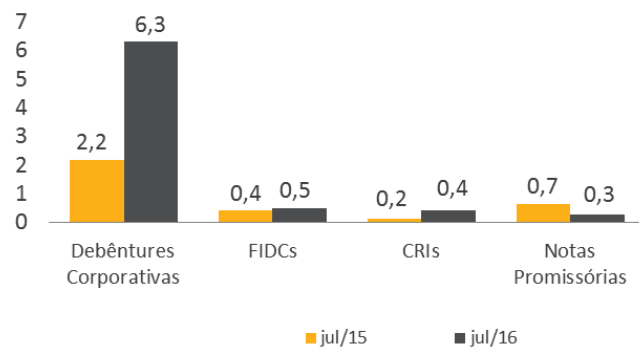
Ofertas locais de renda fixa apontam recuperação

Captações Mensais com Instrumentos Domésticos (R\$ bilhões)



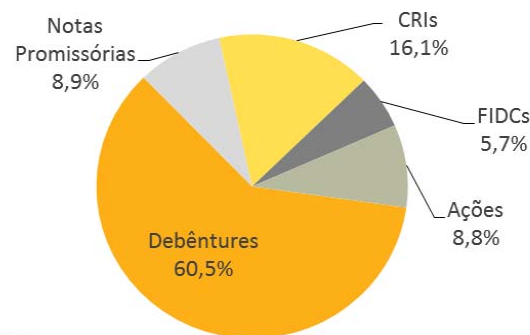
Títulos de dívida e securitização têm melhores volumes

Valores Mobiliários de Renda Fixa e Securitização (R\$ bilhões)



Debêntures lideram operações domésticas no ano

Composição das Ofertas Domésticas em 2016 (%)



Fonte: ANBIMA.

No ano, a distribuição entre os ativos corporativos domésticos permanece concentrada nas captações com debêntures, que respondem por 60,5% do volume das ofertas. Em segundo lugar estão os CRIs, com percentual de 16,1%, seguidos das notas promissórias e das ações, com participações de, respectivamente, 8,9% e 8,8%. Os ativos menos utilizados foram os FIDCs, que tiveram participação de apenas 5,7% no total das operações e movimentaram o equivalente a R\$ 2,3 bilhões em 2016. Contudo, o volume das ofertas em análise na CVM indica uma melhor perspectiva para o segmento, já que, atualmente, encontram-se em análise R\$ 5,9 bilhões em operações com o instrumento. Vale destacar que, das ofertas de FIDCs em 2016, 53,1% foram dispensadas de registro, 36,3% foram registradas, e apenas 10,6% foram distribuídas com esforços restritos.

Ainda no campo das captações domésticas, as ofertas de ações estão paralisadas desde abril. No ano, foram realizadas apenas quatro ofertas, todas follow-ons de emissões primárias, distribuídas em quatro setores distintos - Assistência Médica e Produtos Farmacêuticos, Autopeças, Financeiro e Transporte e Logística. O volume captado em 2016 foi de R\$ 3,5 bilhões, com o setor de Transporte e Logística respondendo por 74,5% do total.

A liderança se repetiu no mercado de debêntures. Do total das operações em 2016, 33,1% do volume dos recursos foi captado pelo setor de Transporte e Logística. Em 2015, este setor apareceu em terceiro lugar, atrás dos segmentos de Energia Elétrica e de Empreendimentos e Participações, e captou com debêntures o equivalente a R\$ 9,3 bilhões. Apenas no período de janeiro a julho de 2016, o setor de Transporte e Logística já levantou R\$ 8 bilhões em debêntures, o maior volume

► Debêntures respondem por mais da metade das operações no ano

► Todas as ofertas de debêntures e notas promissórias foram com esforços restritos

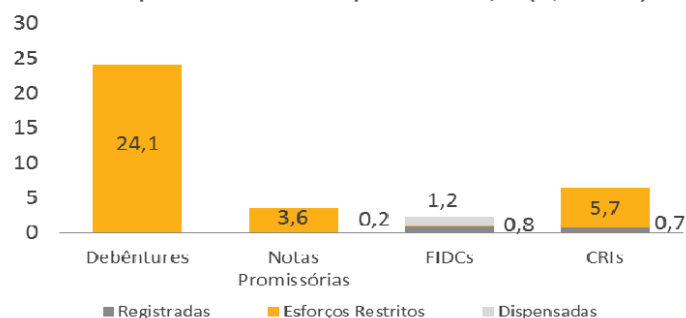
► R\$ 5,9 bilhões em FIDCs estão em processo de análise na CVM

Ainda no campo das captações domésticas, as ofertas de ações estão paralisadas desde abril. No ano, foram realizadas apenas quatro ofertas, todas follow-ons de emissões primárias, distribuídas em quatro setores distintos - Assistência Médica e Produtos Farmacêuticos, Autopeças, Financeiro e Transporte e Logística. O volume captado em 2016 foi de R\$ 3,5 bilhões, com o setor de Transporte e Logística respondendo por 74,5% do total.

A liderança se repetiu no mercado de debêntures. Do total das operações em 2016, 33,1% do volume dos recursos foi captado pelo setor de Transporte e Logística. Em 2015, este setor apareceu em terceiro lugar, atrás dos segmentos de Energia Elétrica e de Empreendimentos e Participações, e captou com debêntures o equivalente a R\$ 9,3 bilhões. Apenas no período de janeiro a julho de 2016, o setor de Transporte e Logística já levantou R\$ 8 bilhões em debêntures, o maior volume

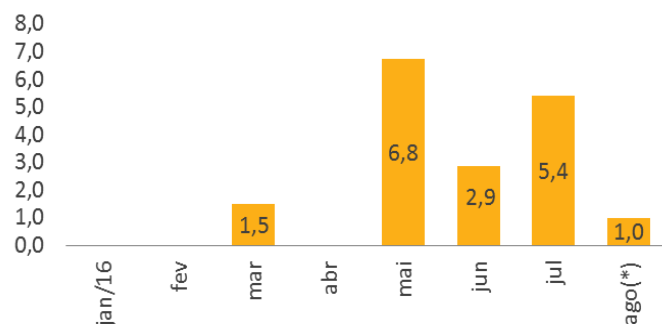
Ofertas dispensadas são maioria nos FIDCs

Ofertas por Instrumentos e Tipos - Jan a Jul/16 (R\$ bilhões)



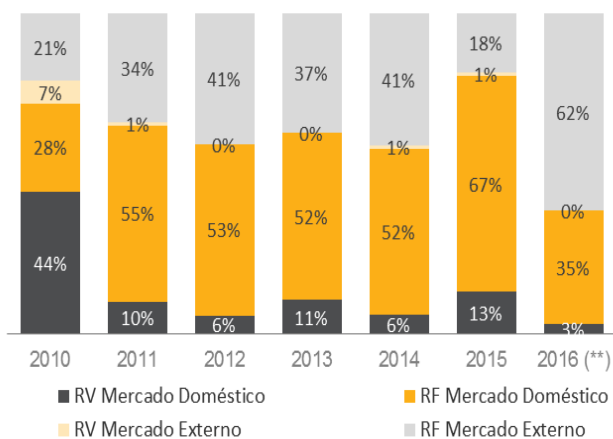
Fonte: ANBIMA.

Empresas brasileiras reforçam captações externas Ofertas Internacionais de Bonds (US\$ bilhões)



Fonte: ANBIMA. (*) Até o dia 10.

Captações externas têm peso relevante no funding Perfil de captação das empresas brasileiras* (%)



Fonte: ANBIMA. Obs: (*) Calculado com o dólar médio de cada período. (**) Até 10 de agosto.

para o período desde o início do acompanhamento da série pela ANBIMA, em 2000. Além disso, o setor captou R\$ 600 milhões em notas promissórias e R\$ 2,6 bilhões com ações.

Já no campo das ofertas internacionais, as companhias brasileiras se aproveitaram da janela de oportunidade que surgiu entre os meses de maio e julho, com a ampliação da liquidez internacional e a redução dos prêmios de risco de países emergentes, em particular o Brasil. As captações externas em julho chegaram a US\$ 5,4 bilhões e foram marcadas pela realização de novas operações por parte de companhias que já haviam acessado o mercado em 2016. Esse foi o caso do Tesouro Nacional, com uma operação de US\$ 1,5 bilhão, e das empresas Marfrig, Petrobras e Cosan, que captaram, respectivamente, US\$ 250 milhões, US\$ 3 bilhões e US\$ 150 milhões. Além disso, apesar do mês de agosto ser reconhecido como um período de pausa nas operações, a Vale anunciou, no último dia 10, sua segunda captação com *bonds* do ano, no montante de US\$ 1 bilhão. Com isso, já são 12 operações realizadas em 2016, totalizando US\$ 17,5 bilhões, que respondem por 62% de todo o *funding* das companhias no ano. O volume é 117,2% superior aos US\$ 8,1 bilhões captados em todo o ano de 2015, em nove operações.

► Transporte e Logística lideram captações com ações e debêntures

► Empresas brasileiras captam US\$ 17,5 bilhões no mercado internacional no ano

► Vale anuncia nova operação, de US\$ 1 bilhão, em agosto

A perspectiva é que a sinalização de retomada das operações, nos mercados doméstico e internacional, possa ajudar a melhorar a estrutura de capital das companhias, abrindo espaço para a reestruturação de passivos e, em alguma medida, para o financiamento de investimentos, trazendo impactos positivos para a recuperação do nível de atividade no país.

Ações Setoriais são destaque de rentabilidade			
Rentabilidades (%) - Fundos e Indicadores Seleccionados			
Tipo	Julho	Ano	12m
Renda Fixa Indexados	1,50	11,59	15,08
Renda Fixa Duração Baixa Grau de Inv.	1,13	7,97	14,19
Renda Fixa Duração Alta Grau de Inv.	1,26	11,26	17,33
Renda Fixa Duração Alta Soberano	2,08	16,59	19,47
Multimercados Macro	2,16	11,21	16,91
Multimercados Long Short Neutro	1,34	12,95	17,74
Ações Livre	8,83	22,96	15,01
Ações Setoriais	15,41	54,33	29,45
Cambial	1,36	-16,71	-3,04
IMA-GERAL	1,66	14,74	17,20
IMA-B	2,51	19,06	20,05
IHFA	1,61	8,24	12,70
Ibovespa	11,22	32,30	12,70
Dólar	0,91	-17,05	-4,60

Fonte: ANBIMA, BMF&Bovespa e Banco Central

Fundos de Ações lideram rentabilidades

• Antônio Filgueira

► Alta de 11,22% do Ibovespa em julho contribuiu para acentuar o movimento de valorização dos fundos de ações no ano

► Fundos de Ações Setoriais destinam 88,5% dos recursos de suas carteiras para o setor de energia

► Fundos de Renda Fixa Duração Alta Soberano seguem como destaque de rentabilidade em sua classe

No mês de julho, tanto os ativos de renda fixa como de renda variável mantiveram a trajetória de valorização apresentada durante a maior parte do primeiro semestre, o que se refletiu na indústria de fundos. Influenciados pela significativa valorização do mercado acionário, expressa na alta de 11,22% do Ibovespa, novamente os fundos de ações apresentaram as maiores rentabilidades da indústria, com destaque para os tipos FMP-FGTS, Mono Ação e Setoriais, todos com variação superior a 15%. Com esse desempenho, os

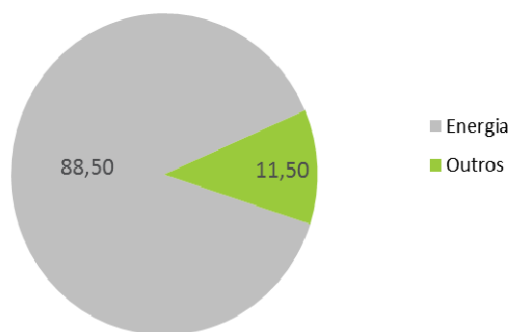
fundos Setoriais lideram a rentabilidade acumulada no ano, com alta de 54,33%. Apesar de esses fundos investirem em diferentes setores da economia brasileira, seu Patrimônio Líquido, de cerca de R\$ 9 bilhões, é concentrado no setor de energia, que apresentou recuperação no ano.

A alta do mercado acionário também contribuiu para que os tipos Capital Protegido e Long and Short Direcional registrassem as maiores valorizações no mês entre os Multimercados, de 2,47% e 2,34%, respectivamente. No acumulado no ano e em 12 meses, porém, o tipo Long and Short Neutro, ainda lidera as rentabilidades da classe, com altas de 12,95% e 17,74%, respectivamente. Na renda fixa, o fechamento das taxas de juros, observado desde o início do ano, segue beneficiando os fundos com carteiras com maior duration, como o tipo Duração Alta Soberano, que deve investir 100% de sua carteira em títulos públicos federais, e cuja alta foi de 2,08%, acumulando 16,59%, no ano, e 19,47%, em 12 meses.

No que se refere ao fluxo de recursos, após registrar o primeiro resgate líquido mensal em junho, a indústria de fundos voltou a apresentar captação líquida em julho. O saldo, de R\$ 9,6 bilhões, foi influenciado pelo ingresso líquido nas classes Renda Fixa, FIDC e Previdência. Vale observar,

Fundos setoriais estão concentrados no setor de energia

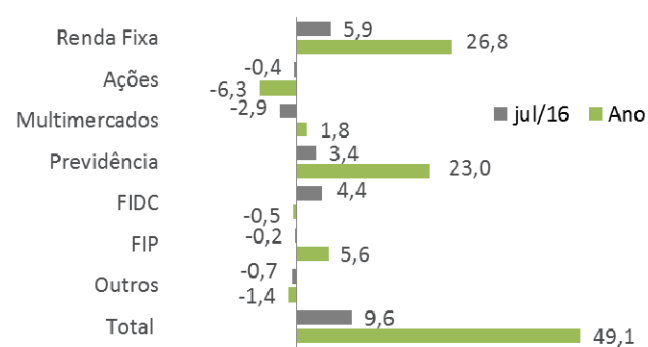
Fundos de Ações Setoriais - Distribuição do investimento por setor (%)



Fonte: Economática

Renda Fixa e Previdência seguem liderando captação

Captação Líquida por classe em junho e no ano (R\$ bilhões)



Fonte: ANBIMA

todavia, que tanto na classe Renda Fixa como FIDC a captação, de R\$ 8 bilhões e R\$ 4,1 bilhões, respectivamente, foi concentrada em apenas um fundo, em ambos os casos pertencentes a investidores do segmento Corporate. Esses ingressos mais do que compensaram o resgate líquido na classe Multimercados, de R\$ 2,9 bilhões, o que não ocorria desde fevereiro. Já a classe Ações, apesar da expressiva valorização do mercado acionário acumulada no ano, registrou novo resgate líquido, de R\$ 368 milhões. Com esses resultados, a indústria acumula captação líquida de R\$ 49,1 bilhões no ano, também concentrada nas classes Renda Fixa e Previdência. O valor supera o saldo líquido registrado nos mesmos períodos de 2015 e 2014, de R\$ 22,5 bilhões e R\$ 6,9 bilhões, respectivamente, indicando uma recuperação gradual da captação líquida da indústria de fundos.

No que se refere à captação líquida por tipo ANBIMA, merece destaque o ingresso líquido de R\$ 36,2 bilhões em fundos Multimercados Investimento no Exterior, superando, inclusive, a captação líquida dos tipos Renda Fixa Duração Baixa Grau de Investimento, de R\$ 27,6 bilhões e Previdência Renda Fixa, de R\$ 23,2 bilhões. Criado com base na Instrução CVM nº 555 e na nova Classificação ANBIMA de fundos de investimento em outubro de 2015,

▶ Indústria volta a registrar captação líquida em julho

▶ Renda Fixa e Previdência lideram ingresso de recursos no mês e no ano

▶ Após cinco meses, multimercados voltam a registrar resgate líquido em julho

esses fundos podem investir mais de 40% de seus recursos em ativos no exterior. Os Multimercados Investimento no Exterior também lideram a captação líquida na indústria entre outubro de 2015 até o final de julho, com ingresso líquido de R\$ 48,2 bilhões. Com isso, o Patrimônio Líquido desses fundos passou de R\$ 169,2 bilhões, em outubro de 2015, para R\$ 216,5 bilhões, em julho. Vale observar, porém, que 76% do ingresso líquido acumulado no ano se deve à transferência de Patrimônio Líquido, sendo a maior parte oriunda dos fundos Multimercados Livre, que não possuem compromisso de concentração de investimento em nenhuma estratégia específica.

Multimercados Investimento no Exterior atrai recursos

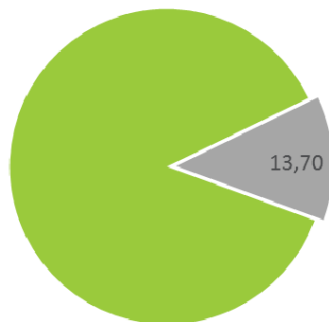
PL e Captação Líquida dos fundos Multimercados (R\$ bilhões)

Multimercados	Patrimônio Líquido		Captação Líquida*
	out-15	jul/16	out/15-jul/16
Investimento no Exterior	169,22	216,55	48,20
Trading	2,91	3,12	-0,05
Long and Short - Neutro	2,44	2,75	-0,10
Capital Protegido	3,09	3,16	-0,25
Balanceados	6,17	6,42	-0,53
Long and Short - Direcional	3,82	2,75	-1,67
Estratégia Específica	13,92	13,03	-2,07
Macro	60,07	65,02	-3,17
Dinâmico	22,84	17,76	-5,88
Juros e Moedas	42,55	44,22	-6,23
Livre	261,57	250,43	-36,19

Fonte: ANBIMA

Alocação em ativos no exterior ainda é limitada

MM Inv.no Exterior - % de Fundos com ativos no exterior



Fonte: Economática

Apesar dessa transferência de Patrimônio Líquido, dados relativos à última carteira aberta indicam que apenas 13,7% desses fundos investem em ativos no exterior e somente 5,9% alocam parcela superior a 40% nesse tipo de ativo. Assim, embora o movimento de transferência de Patrimônio reflita a busca por um limite maior para investimento em ativos no exterior em fundos Multimercados, o bom desempenho dos ativos domésticos parece ter desestimulado uma alocação mais significativa em ativos no exterior.

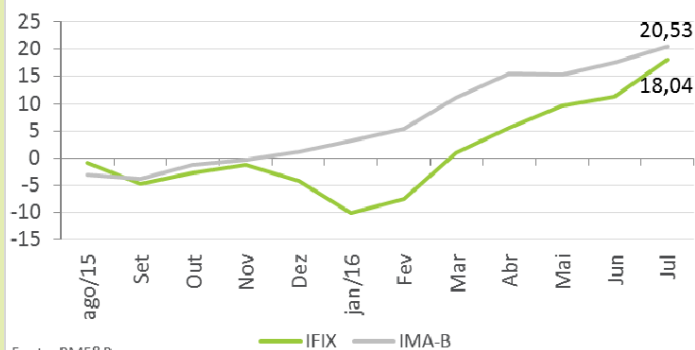
Por fim, seguindo a tendência observada por boa parte dos ativos domésticos, os Fundos Imobiliários também apresentam recuperação em 2016. Medida com base no IFIX - Índice de Fundos de Investimento Imobiliário, que apura o desempenho médio das cotações dos fundos imobiliários negociados nos mercados de bolsa e de balcão organizado da BM&FBOVESPA, a valorização acumulada por esses fundos é de 23,2% no ano e de 18,04%, em 12 meses. Esse desempenho é semelhante ao do IMA-B, que expressa a trajetória da variação de uma carteira teórica de NTN-Bs marcada a mercado e que registra valorização de 19,06% e de 20,06%, em ambos os períodos. Isto ocorre, em grande medida, porque a maior parte do Patrimônio Líquido desses fundos é voltada para a renda de aluguéis (os tipos Renda

- ▶ Multimercados no Exterior lideram captação líquida no ano
- ▶ Apenas 13,7% desses fundos investem em ativos no exterior
- ▶ IFIX acumula valorização de 23,2% no ano

Gestão Ativa e Renda Gestão Passiva representam mais de 50% do Patrimônio Líquido da classe), fortemente atrelada à inflação no médio prazo. Vale lembrar que os rendimentos produzidos por esses fundos são isentos de Imposto de Renda quando percebidos pela pessoa física, o que favorece a sua rentabilidade.

Fundos Imobiliários mostram recuperação no ano

Índice de Fundos de Investimento Imobiliário - Variação em 12 m (%)



Fonte: BMF&Bovespa

PANORAMA ANBIMA

O Panorama ANBIMA busca identificar e explicar os principais movimentos dos mercados de capitais, renda fixa e fundos de investimento no mês, a partir das informações estatísticas que a Associação reúne em sua base de dados, contextualizando-os no cenário macroeconômico doméstico e internacional.

REDAÇÃO

Antônio Filgueira, Dalton Boechat, Marcelo Cidade e Vivian Corradin
Gerência de Estudos Econômicos

DIAGRAMAÇÃO

José Carlos Oliveira
Comunicação Institucional

COORDENAÇÃO

Enilce Leite Melo
Gerência de Estudos Econômicos

SUPERINTENDÊNCIA DE REPRESENTAÇÃO TÉCNICA

Valéria Arêas Coelho

RIO DE JANEIRO: Avenida República do Chile, 230, 13º andar CEP 20031-170 + 21 3814 3800

SÃO PAULO: Av. das Nações Unidas, 8501, 21º andar, CEP 05425-070 + 11 3471 4200

PRESIDENTE: Robert van Dijk

VICE-PRESIDENTES: Carlos Ambrósio, Flavio Souza, José Olympio Pereira, Márcio Hamilton Ferreira, Pedro Lorenzini, Sérgio Cutolo, Valdecyr Gomes e Vinicius Albernaz

DIRETORES: Alenir Romanello, Celso Scaramuzza, Felipe Campos, Fernando Rabello, José Eduardo Laloni, Luiz Chrysostomo, Luiz Fernando Figueiredo, Luiz Sorge, Renato Oliva,, Richard Ziliotto, Saša Markus e Vital Menezes

COMITÊ EXECUTIVO: José Carlos Doherty, Ana Claudia Leoni, Guilherme Benaderet, Patrícia Herculano, Valéria Arêas Coelho, Marcelo Billi, Soraya Alves e Eliana Marino

www.anbima.com.br